



# Leituras:

Subtilezas, ironia e luta de amantes no novo romance de **Pepetela**.

## LUZ E SOMBRAS

**A**ngola, dos anos 60 aos nossos dias. A história real de um amor impossível.» Eis duas frases enganadoras. Surgem na capa desta obra de Pepetela (n. 1941) seguindo o modismo adoptado pelas editoras de sublinhar um conteúdo, como se um nome e um título não conseguissem ser suficientemente apelativos para nos desafiar para uma leitura. Até porque o cerne desta narrativa não é Angola – embora ela também esteja lá – nem o amor que se anuncia impossível o seja. A coisa é muitíssimo mais subtil.

«O império soviético estava condenado e, como um não anda sem o outro, o americano logo lhe seguiria. A dialéctica dos contrários, não há luz sem sombra ou sombra sem luz» (pág. 141). Apetece citar muitas passagens para que não pareça que no livro se diz o óbvio. Este romance tinha tudo para ser triste. Ou não estivéssemos diante de um autor que gere a ironia de modo magistral.

Um jovem branco, de olhos azuis, sentindo-se angolano, vem estudar para a Metrópole. Mas ecoa-lhe na mente uma distinção transmitida por um antigo professor: «[...] não confundas com colono, [...] isso é outra coisa, são apenas pessoas que vão para

outras terras, neste caso os que vieram de Portugal para cá porque lá morriam de fome. Colonialistas são os que querem que os africanos sejam sempre inferiores, sem direitos de gente na sua própria terra» (pág. 25). Consegue, então, ser bolseiro em Moscovo, acreditando poder lutar pela «emancipação dos povos do mundo» com base no espírito de solidariedade afro-asiática de «sentido internacionalista», o mes-

mo «que devia presidir ao relacionamento entre os dois continentes se opondo ao imperialismo». Eis senão quando se apaixona pela filha do ministro da Defesa Nacional da República Democrática e Popular da Mongólia, e tudo se esboroa. Jamais o pai da jovem admitirá que alguém, vindo das Áfricas colonizadas, case com a sua filha.

O ideal independentista prevalece, mas já não ajuizado pelos discursos redondos e falsamente libertadores da grande potência comunista. Regressado a Angola para combater os militares portugueses, não sem antes ter esgotado todas as possibilidades de ficar com a amada, o protagonista vai sendo testemunha de práticas, já em tempo de guerra civil, a que resiste com convicção. É possível manter incólumes os princípios pessoais, bem como ser leal a um amor que se tornou coisa política. O reencontro dos amantes é também possível e é de novo a felicidade individual a par dos ideais pessoais que se sobrepõe à cegueira colectiva.

E fiquemo-nos por aqui quanto à moral da história. ■ **Dóris Graça Dias**



*Pepetela, O Planalto e a Estepe*. Dom Quixote, 192 págs.